

Histórico da Mangicultura no Vale do Submédio São Francisco

Francisco Pinheiro Lima Neto

A mangicultura no território nacional sempre foi, historicamente, praticada de maneira extensiva, verificando-se predomínio, há algumas décadas, da presença de pomares de mangueira em pequenas propriedades desprovidas de tecnologia apropriada e de plantios esparsos em quintais de residências urbanas e de chácaras. A exploração econômica da espécie sustentava-se quase exclusivamente no extrativismo das denominadas variedades nativas ou crioulas, tais como Bourbon, Rosa, Espada, Coquinho e Ouro, entre diversas outras, e alicerçava-se no mercado interno (GAYET, 1994). Nas décadas mais recentes, entretanto, o perfil da atividade se alterou abruptamente, observando-se crescente implantação de pomares das variedades de mangueira originadas na América do Norte, cujos frutos eram normalmente exportados para os mercados internacionais. Os primeiros pomares das referidas variedades - Tommy Atkins, Haden e Keitt - foram implantados principalmente durante a década de 1970, na Região Sudeste, e se disseminaram gradativamente pelos demais estados da Federação nos anos posteriores (SOUZA et al., 2002).

O cultivo da mangueira no Brasil pode, portanto, ser dividido em duas fases bastante distintas: a primeira, caracterizada pelos plantios extensivos de variedades locais, desprovidos de tecnologias apropriadas e direcionados exclusivamente ao mercado interno, e a segunda, caracterizada pelo elevado nível tecnológico empregado em todas as atividades concernentes ao manejo da cultura, tais como nutrição mineral, irrigação e indução floral, pela adoção de variedades provenientes do continente Norte-Americano e pela consolidação da participação nacional na conquista dos vários mercados internacionais, ilustrada principalmente pelo Vale do São Francisco, sobretudo na região do Submédio São Francisco (ARAÚJO et al., 2002; SOUZA et al., 2002; SILVA; CORREIA, 2004).

A mangicultura desenvolvida nessa região destaca-se consideravelmente no recente cenário nacional em decorrência da expansão da área total cultivada, do expressivo volume de produção verificado, dos elevados rendimentos alcançados e da qualidade da fruta produzida. Demonstrando sintonia com as tendências de consumo observadas nos mercados mundiais

de suprimento de frutas frescas, o Vale do Submédio São Francisco inclina-se, atualmente, para a produção de mangas de acordo com as normas de controle de segurança dos sistemas de produção preconizadas tanto pela legislação nacional como pela legislação internacional (SILVA; CORREIA, 2004).

O desenvolvimento da mangicultura no Vale do Submédio São Francisco foi inicialmente impulsionado pela perspectiva de atendimento ao mercado externo, mas o mercado nacional ainda absorve a maior parcela da produção. A existência de um mercado interno de grande dimensão confere ao setor uma relativa autonomia na organização do processo de produção, o qual compreende, assim, produtores de diferentes categorias. A região caracteriza-se pela predominância de pequenos proprietários, fruticultores dos projetos públicos de irrigação que, embora cultivem as variedades preferidas pelos consumidores dos países importadores, apresentam uma grande capacidade de abastecimento do mercado doméstico, originando recentemente, inclusive, em torno dos galpões de embalagem, novas estruturas de organização que possibilitam ou facilitam aos associados o acesso às inovações tecnológicas e o acompanhamento das constantes oscilações de mercado (SILVA; CORREIA, 2004).

Atualmente, o Vale do Submédio São Francisco é responsável por mais de 90 % das exportações nacionais de mangas. No ano de 2007, o Brasil embarcou mais de 116 mil t aos diversos mercados internacionais, as quais proporcionaram uma receita superior a 89 milhões de dólares. Do referido montante, mais de 107 mil t foram exportadas por essa região, propiciando ao país, de acordo com o Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, mais de 82 milhões de dólares. Na região, a manga desse anos é produzidas em uma área equivalente a 22 mil ha e concentradas na variedade Tommy Atkins em uma expressiva proporção de aproximadamente 90 %, mas que incluem também as variedades Kent, Keitt, Haden e Palmer. Deve-se ressaltar que as exportações de mangas do Vale do Submédio São Francisco, destinadas principalmente à Europa e aos Estados Unidos têm apresentado, ao longo dos últimos anos, em comparação ao montante exportado por todo o País, basicamente a mesma proporção (CHOUDHURY; COSTA, 2004; INSTITUTO FNP, 2006; INSTITUTO BRASILEIRO DE FRUTAS, 2007).